

EM SANTIAGO DO CACÉM “UM CENTRO DE FISIOTERAPIA AO NÍVEL DO QUE HÁ DE MELHOR”

Em Portugal, o início da Fisioterapia, nos anos sessenta, restringia-se a feridos de guerra, passando mais tarde por uma fase de “iniciativa privada”, cara e para quem podia pagar. A procura aumentou e os cursos técnicos da especialidade apareceram, chegando-se a uma situação de comparticipação pela “Caixa” nos tratamentos de Fisioterapia. Os abusos vieram e foram aproveitados para tratamentos de melhoramento estético, situação que levou a ministra Leonor Beleza a cortar o “mal pela raiz”, exigindo credenciais passadas por um médico fisiatra, o que se por um lado disciplinou, por outro, tornou mais burocratizado um processo que, como a maioria, em Saúde, precisa de simplificação e rapidez.

É neste contexto que vos damos a conhecer um exemplo de pioneirismo, profissionalismo e dedicação, na área de Fisioterapia em Santiago do Cacém.



meus tratamentos com esta regularidade, em pouco tempo andarei sem ajuda” — visivelmente emocionado e como que para nos provar o que tinha dito, o Sr. Albino largou as suas “canadianas” e fez questão de nos mostrar que conseguia dar alguns passos sozinho. Quis expressar em relação a esta equipa: “São pessoas muito agradáveis e de quem gosto muito”.

Também problemas burocráticos aqui, como em tantos sítios dificultam a vida do Centro e principalmente dos doentes: “neste momento é este o único Centro de reabilitação a trabalhar com convenções, mas o “boicote”, que se faz aos tratamentos dos doentes, torna as coisas difíceis”.

Uma burocracia desmedida tal como a devolução de credenciais que são dadas a “conta-gotas” e não segundo “as reais necessidades do doente. A necessária continuidade dos tratamentos, que não deveriam ser interrompidos”.

Um doente contou-nos também a sua história neste campo: “Eu fui atendida por um médico do Hospital do Outão e passei a fazer o meu tratamento aqui. Mais

mento, quais seriam as consequências de um eventual encerramento. As opiniões de ambos os grupos foram unânimes: “Se este Centro não existisse, o mais certo era não podermos dar assistência ao doente, pois aqui com um pouco de boa vontade todos são atendidos. Se tivessem que ir transportados para Setúbal, “a coisa” mudava de figura, pois ou as ambulâncias não estariam disponíveis nas localidades, ou os doentes não seriam transportados com a devida regularidade. Prova disso, é que há quinze anos atrás 95% das pessoas não tinham assistência nem recuperação possível, porque os cem quilómetros até Setúbal tornavam para a grandíssima maioria dos casos inviável qualquer tratamento fora das situações de internamento no Outão. Também a vida do doente se complicava porque aqui não necessitam de perder um dia inteiro de trabalho, como aconteceria se fossem para longe”.

De Setúbal ao Algarve (exclusivo), de Beja a Sines, este é o único Centro de reabilitação a funcionar, pois os graves proble-

chama-se Filomena Cruz tem 45 anos, 15 dos quais dedicados à sua carreira profissional, é casada e mãe de uma menina de 5 anos, e vive há 11 anos neste Litoral alentejano. Formou-se e iniciou a sua carreira em Angola de onde é natural, no entanto foi em Santiago do Cacém que se enraizou onde trabalha há 11 anos.

Até há 2 meses atrás, o Centro de Fisioterapia situava-se em condições precárias num edifício velho e pequeno. Ali, apesar dos doentes serem tratados, era difícil continuar, e durante 10 anos ninguém das autoridades competentes tomou iniciativas de ajudar a prol do melhoramento, “nem tanto afamadas ajudas da CEE valeram” disse-nos. Foi com a ajuda de familiares e de uma entidade bancária, que a Filomena e a sua equipa de trabalho conseguiram criar as condições necessárias como também, poderam dizê-lo, um local bastante agradável que o anterior; um espaço com quem falamos dizia: “Não tem comparação. Aqui há espaço e lá estávamos em condições de uns dos outros. Foi nessas condições que nos tratamos por 10 anos”.

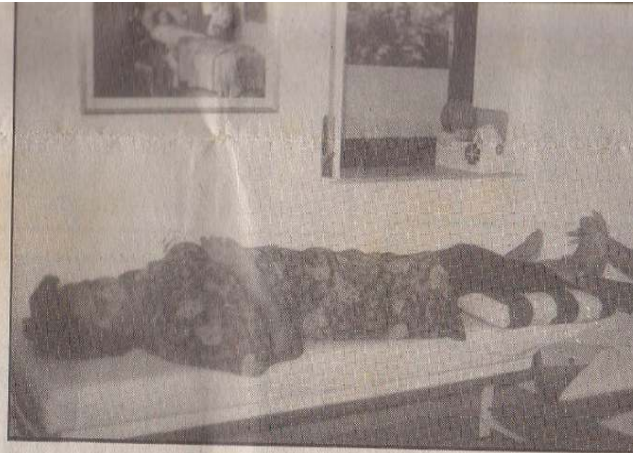
Reunidas as condições práticas necessárias falta no entanto analisar a parte humana da questão e a respeito a Filomena acrescentou: “fui a cérebro desta iniciativa, mas posso sem dúvida dizer que sem a equipa de trabalho que tenho nada disto seria

possível. Estou inteiramente à vontade para deixar um doente nas mãos de qualquer das minhas colaboradoras, pois todas elas têm especializações e aperfeiçoamentos credenciados, nas técnicas de fisioterapia. Nas 14 horas de trabalho que tenho diariamente, sem dúvida que preciso deste apoio. Também o médico Fisiatra que comigo trabalha e que em conjunto estudamos o melhor tratamento para cada caso, e aos médicos locais que têm sido de uma compreensão e de uma ajuda muito grata, para mim”.

Horários a cumprir é difícil ter, pois na zona do Alentejo é este o único Centro de atendimento e apoio aos cerca de 55 doentes diários.

Esta profissional de reabilitação ao longo destes anos e com as barreiras que tem encontrado, sente que o seu trabalho é válido ao ver os doentes recuperarem.

A estima que as pessoas sentem em relação à Filomena é visível quando falámos com alguns doentes; por exemplo o Sr. Albino que há 6 anos que faz fisioterapia: “tenho melhorado muito. O acidente que tive foi muito grave e incapacitou-me de andar. Hoje quase como que por milagre e com a ajuda desta equipa, já estou andando. Quando aqui cheguei nem um degrau subia. Hoje faço uma vida quase normal, se bem que com a ajuda destas muletas. Eu sei que se puder continuar os



da zona que me passasse nova credencial para esses catorze dias, ao que ele se recusou pois achou que não deveria interferir no tratamento. Catorze dias sem tratamento, fizêram com que chegasse à consulta do meu médico no Hospital quase paralisada da perna. Ele próprio ficou indignado por não terem desbloqueado uma situação destas”.

Depois de dez anos a trabalhar em condições precárias, a fisioterapeuta Filomena viu-se confrontada com uma situação em que ou melhorava as condições da reabilitação no Alentejo, ou simplesmente fechava o Centro.

Perguntámos também a alguns doentes e aos Bombeiros que há vários anos se deslocam e transportam os doentes para o trata-

Foi com alguma admiração que vimos as pessoas, principalmente de mais idade que agora gem, encararem o seu trabalho como um sentido e necessário, continuarem a lutar por melhores condições de dignidade e ao esforço, à dedicação e atenção que recebem da equipa de trabalho.

Neste nosso país que se encontra na CEE, é muitas vezes a falta de condições que, parado a pensar, revela os melhores. Por outro lado, entendemos que se não se tivesse conhecimento e publicação, não se mantêm a limitação de recursos como “heróis”. Por isso, queremos que este nosso trabalho possa ter algum eco...

SUSAN,
JORGE